

Pela sua originalidade e atualidade no contexto da Lingüística e da Semiótica, a citação abaixo, extraída de *Conditions d'une sémio tique du monde naturel* (1), suscita problemas e dúvidas, levanta hipóteses, entre as quais as que motivaram este artigo.

Des catégories visuelles telles que haut vs bas, prospectif vs rétrospectif ou droite vs courbe, convexe vs concave, etc; qui paraissent constitutives de la forme de l'expression du monde naturel, se retrouvent de toute évidence telles quelles lorsqu'on décrit la forme du contenu des langues naturelles. Il en résulte que: a) la corrélation entre le monde sensible et le langage naturel est à rechercher non au niveau des mots et des choses, mais à celui des unités élémentaires de leur articulation; b) le monde sensible est immédiatement présent jusque dans la forme linguistique et participe à sa constitution, en lui offrant une dimension de la signification que nous avons ailleurs appelée sémilogique (2).

O signo natural (3) resulta de substituição do objeto-ocorrência, pela figura. Exemplificando com *cadeira*, as cadeiras-ocorrências são reduzidas a uma cadeira-invariante (figura) comparável (relação sistemática ou paradigmática) a outras invariantes do mundo natural. A *figura* é articulada em seus elementos constitutivos, o que nos proporciona uma visão categorial do mundo natural. As figuras visuais surgem, dessa forma, como o resultado da combinatória de um número reduzido de categorias elementares da espacialidade (alto vs baixo, prospectivo vs retrospectivo, etc). Os termos dessas categorias (espaciais, no caso das figuras visuais, mas de outro tipo, quando se tratar de figuras de outras ordens sensoriais), são as unidades elementares da forma da expressão do mundo natural e constituem a forma do conteúdo das línguas naturais. Ou melhor, os femas (traços mínimos distintivos do plano da expressão (4)) do mundo natural são os semas (traços mínimos distintivos do plano do conteúdo) das línguas naturais (5).

Na *Sémantique structurale* (6), Greimas propõe dois níveis autônomos que constituem o universo imánente da significação: são os níveis semiológico e semântico.

O universo imánente da significação define-se por oposição à manifestação da significação, entendida essa manifestação não como instância, mas como percurso, isto é, como a distância a percorrer entre o universo imánente e a manifestação discursiva ou realização no discurso (7) O universo imánente é constituído por categorias sêmicas hierarquizadas.

CORRELAÇÃO
ENTRE MUNDO
SENSÍVEL E
F i LÍNGUAS NATURAIS
O PROBLEMA DOS
VERBOS DE
COMUNICAÇÃO

Diana Luz
Pessoa de
Barros

Introdução

1.2 - Nível
Semiológico e
Nível
Semântico

Essas categorias sêmicas são classificadas em categorias semiológicas e categorias semânticas, surgindo assim, os dois níveis fundamentais da linguagem.

Posteriormente (8), o percurso do espírito humano, da imanência ao discurso, realiza-se para Greimas em três etapas ou instâncias: a primeira etapa é a **estrutura profunda** que coincide com o universo imanente da significação e define, portanto, a maneira de ser, a condição e o modo de existência das entidades lingüísticas, no caso entidades de conteúdo; a segunda etapa é a **estrutura de superfície** ou das combinatórias, em que os semas combinados engendram sememas e os sememas combinados as *mensagens semânticas*; a última instância é a estrutura de manifestação em que ocorre o *encontro* entre plano da expressão e plano do conteúdo e a posterior realização discursiva.

Os níveis semiológico e semântico, que dividem o universo imanente (a estrutura profunda) da significação, caracterizam-se na sua totalidade pelos termos da categoria metassêmica **exteroceptividade** vs **interoceptividade** (9). A categoria metassêmica classifica os semas do universo imanente em **semas nucleares** (definidos pelo metassema exteroceptividade) e **classemas** (definidos pelo metassema interoceptividade). Surgem, assim, no interior do universo imanente, as duas dimensões fundamentais da linguagem: a dimensão semiológica (categorias sêmicas—semas nucleares—hierarquizadas) e a dimensão semântica (categorias classemáticas hierarquizadas).

Retomando a citação inicial, em que a forma de expressão do mundo natural participa da constituição da forma do conteúdo das línguas naturais, podemos, agora, tornar mais precisas as correlações entre mundo natural e línguas naturais. O mundo natural oferece à linguagem (às línguas naturais) a **dimensão semiológica** do universo imanente da significação e não a dimensão semântica. Os **femas** do mundo natural constituem os **semas nucleares** das línguas naturais, isto é, os semas definidos pelo metassema **exteroceptividade**.

1.3 - Actantes e Predicados

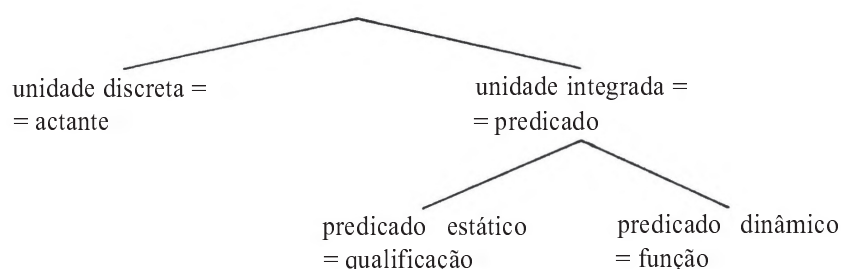
Os problemas e dificuldades concernentes à *sintaxe semiótica* (combinações de semas e de sememas) excedem de muito os propósitos restritos deste artigo. Alguns elementos, porém, dessa sintaxe (estrutura de superfície) se fazem necessários ao desenvolvimento que visamos aqui.

O semema define-se como *combinação de semas nucleares e classemas*, isto é, a reunião dos dois níveis da linguagem - nível semiológico

e nível semântico. Em seguida, para constituírem uma **mensagem semântica**, os sememas combinam-se de acordo com a subclasse semêmica a que pertencem: subclasse dos actantes ou subclasse dos predicados. As subclasses semémicas definem-se pela categoria classemática **discreção vs integral idade** (10). Os actantes são unidades **discretas** e os predicados unidades **integradas**.

Os predicados, por sua vez, subdividem-se em predicados **estáticos** e predicados **dinâmicos**, segundo a categoria classemática **estatismo vs dinamismo**. Os predicados estáticos são denominados **qualificações** e os predicados dinâmicos, **funções**.

Esquemmatizando:



A categorização das **figuras do mundo natural**, exemplificada com **cadeira**, e cujos termos (alto vs baixo, etc) são constitutivos da forma do conteúdo (nível semiológico) das línguas naturais, diz respeito essencialmente aos **actantes**, isto é, às unidades discretas.

Para darmos conta da relação existente entre mundo natural e **predicados**, mais especificamente predicados dinâmicos ou **funções**, é necessário que recorramos à **gestualidade natural** (11). As **figuras gestuais** constituem uma subclasse de figuras do mundo natural. As figuras do mundo natural compreendem as figuras gestuais, entre outras figuras visuais, e demais figuras sensoriais (*de todas as ordens sensoriais pelas quais o mundo apresenta-se para nós* (12)).

A forma da expressão da gestualidade participa da constituição da forma do conteúdo dos predicados dinâmicos ou funções. Mais explicitamente, as figuras gestuais, subclasse das figuras do mundo natural, correspondem aos núcleos sêmicos ou figuras nucleares (13) das funções, subclasse, portanto, das figuras do conteúdo das línguas naturais.

1.4 - Nível
figurativo

Embora mantendo a dicotomização do universo imãente da significação, Greimas prefere, atualmente (14), o termo **figurativo** a semiológico. Dois motivos principais parecem ter concorrido para essa mudança terminológica: em primeiro lugar, semiológico é empregado mais frequentemente em outras acepções, o que acarreta confusão; em segundo lugar, **figurativo** lembra melhor a equivalência entre **figura** do plano da expressão do mundo natural e **figura** do plano do conteúdo das línguas naturais.

2 - Gestualidade
(15)

2.1 - Práxis gestual
e comunicação
gestual

Há dois tipos de gestualidade: a práxis gestual e a comunicação gestual, determinadas a seguir, por várias categorias (classemáticas?).

2.12 - Definição
de sentido

Duas definições de sentido são possíveis para Greimas:

1? definição: *renvoi*: *il est saisi comme une superposition de deux configurations, comme le renvoi d'un code - que nous appelons **code de l'expression** — à une autre code, appelé, peut-être tout aussi arbitrairement, code du contenu* (16).

2? definição: *direction*: *il apparait comme une intentionnalité, comme une relation qui s'établit entre le trajet à parcourir et son point d'aboutissement* (17).

Aplicada a primeira definição de sentido, isto é, relação entre dois códigos, à gestualidade humana é preciso pressupor a existência do **eixo da comunicação** e de um destinador (codificador) e um destinatário (decodificador).

Eixo da comunicação: Dor = _____ Dário

A gestualidade humana definida pela aplicação da **primeira conceituação** de sentido e, conseqüentemente, pela categoria actancial Dor vs Dário, pode já ser denominada **comunicação gestual**.

Aplicada a segunda definição de sentido (*direction*) à gestualidade humana, o **destinador**, isto é, o que gesticula (*o gesticulante*) passa a ser **sujeito** e pressupõe um **objeto** da sua direcionalidade. O eixo da transitividade (S-----O) está portanto subjacente a esse tipo de gestualidade humana, à práxis gestual.

A práxis gestual define-se, no momento, pela adequação de

sentido entendido como **direção** e pelo eixo da transitividade. Trata-se da relação homem, enquanto **sujeito**, e mundo, enquanto **objeto** da intencionalidade humana.

O destinatário mantém-se na práxis gestual como um espectador. Mas, enquanto nos colocarmos na perspectiva do espectador—destinatário, o texto gestual só poderá ser segmentado se recorrermos à semântica das línguas naturais. Interessa-nos, na práxis gestual, antes de tudo, a perspectiva do **sujeito**; *c'est l'introduction du sujet dans l'analyse de la signification qui semble pouvoir rendre compte des différentes formes que cette dernière est susceptible de prendre et non la recherche d'une limite problématique entre ce qui est significatif dans le comportement gestuel et ce qui ne l'est pas* (18).

Na comunicação lingüística, é possível sincretismo entre sujeito da enunciação e sujeito do enunciado: *Eu como queijo*. Tal fenômeno, segundo Greimas, não pode ocorrer na Semiótica natural e, no caso, na **gestualidade**. Os sujeitos da enunciação e do enunciado mantêm-se, na gestualidade, sempre distintos.

- Enunciado
e enunciação

Na **práxis gestual**, o *gesticulante* é sujeito do enunciado, isto é, sujeito de um **fazer**, na relação sujeito - objeto. O sujeito institui-se como tal pelo **fazer**, e o objeto, enquanto objeto do **fazer**, pelo **ser feito**.

Já na **comunicação gestual**, o *gesticulante* é sujeito da enunciação. O sujeito da enunciação, além do seu fazer enunciativo (no caso *gesticulativo*) define-se como destinador de um **saber** a um destinatário.

A impossibilidade de sincretismo entre sujeito da enunciação e sujeito do enunciado, na gestualidade, explicaria a pobreza da linguagem gestual, quando comparada ao código lingüístico.

É difícil separar tão rigidamente enunciado e enunciação^ termos que só se sustentam dialeticamente. Algumas explicações e ressalvas são necessárias a essa separação abrupta.

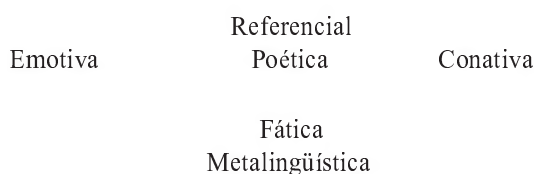
Ao afirmar que, na práxis gestual, há apenas sujeito de enunciação, Greimas, provavelmente, está opondo um **fazer sem intenção de comunicar**, mas com intenção de **transformar o mundo**, à comunicação propriamente dita, **intencional**.

Asseverando por outro lado que na comunicação gestual, aquele que gesticula é apenas sujeito da enunciação e, indo mais longe, que a gestualidade comunicativa é **incapaz** de produzir enunciados (enunciação existindo, portanto, sem enunciado), Greimas parece opor *enunciados sobre o mundo, sobre o fazer do homem* a outros tipos de enunciados. Em **outros** estariam compreendidos todos os enunciados que não são *enunciados sobre o mundo e sobre o fazer do homem* e que Greimas considera como não-enunciados.

2.14 - Funções da linguagem

O problema acima colocado é o da hierarquização das funções da linguagem.

R. Jakobson (19) atribui à comunicação verbal seis funções básicas, determinadas pelos seis fatores constitutivos de todo processo lingüístico (ato de comunicação verbal). Nas mensagens verbais, as funções obedecem a uma hierarquia não-fixa, e os diferentes *tipos de linguagem* (literária ou não, etc.) dependem essencialmente da função predominante, embora as funções *secundárias* também mereçam atenção:



As diferentes funções interessam apenas à comunicação gestual e não à práxis gestual, que se define como não-comunicação. Mas, o destinatário-espectador pode *atribuir* funções à práxis gestual, vista da sua perspectiva como mensagens que lhe são comunicadas.

Na comunicação gestual Greimas opõe:

enunciados sobre o mundo
ou vs *outros enunciados*
sobre o fazer do homem

Os enunciados *sobre o mundo* são enunciados com função referencial ou informativa, hierarquicamente a primeira função na linguagem *comum* {*comum* em oposição a *literária, lúdica*, etc). Essa função da linguagem, básica para a chamada Lingüística Estrutural, que a tomou como

ponto de vista definidor da noção de pertinência, **não existe na comunicação gestual.**

A afirmação greimasiana de que *o código da comunicação gestual não permite a construção de enunciados* deve assim, ser entendida como *a comunicação gestual não permite a construção de enunciados com função referencial*. Greimas rotulou os enunciados sem função referencial ou com função referencial hierarquicamente secundária como **não-enunciados** (*ausência de enunciado*). Resulta daí a enunciação sem enunciado.

Há na comunicação gestual enunciados com outras funções que não a referencial: gestualidade atributiva (função emotiva), gestualidade modal (função fática e, provavelmente, conativa), gestualidade mimética (função metalingüística).

É rígida a separação entre práxis gestual e comunicação gestual. 2.15 -- *Modalidade*
Define-se a práxis gestual pelo eixo da transitividade e, conseqüentemente pela relação homem — mundo (sujeito — objeto), surgindo o homem como sujeito de um **fazer** e o mundo como objeto desse fazer. A comunicação gestual pressupõe o eixo da comunicação, isto é, nela um **saber** é transmitido pelo destinador (o *gesticulante*) ao destinatário. A rigidez da oposição reside justamente na impossibilidade, para a gestualidade natural, da combinação dos dois eixos S 0 e Dor Dário. Não se aplica à gestualidade o esquema actancial;

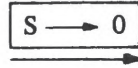


não podendo um enunciado da práxis gestual (S 0) vir a ser o *objeto de comunicação*, o saber comunicado pelo destinador ao destinatário.

Impossível também e mais ainda o sincretismo destinador — sujeito. Aquele que gesticula é ou destinador, na comunicação gestual, ou sujeito, na práxis gestual.

Para completar o esquema actancial proposto acima, falta à práxis gestual, não propriamente o eixo da comunicação Dor Dário, tendo em vista que a práxis gestual caracterizada pela relação actancial S 0 é, muitas vezes, o *espetáculo* de um destinatário.

X

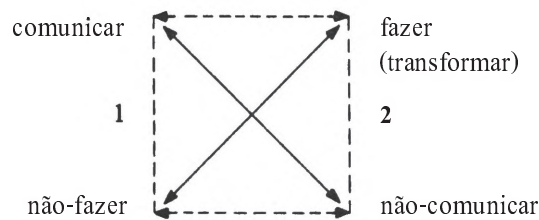


Dário - espectador

O X, para **destinador**, não remete tanto à ausência de destinador, quanto à **não-intencionalidade de comunicação**.

Na comunicação gestual, o comunicar é intencional para aquele que gesticula - o destinador - enquanto na práxis gestual, a comunicação é **não-intencional** e **não-existente** portanto para aquele que gesticula - o sujeito. A *intenção comunicativa* só existe na práxis gestual se o ponto-de-vista escolhido for o do destinatário-espectador, exterior à gestualidade.

A intencionalidade de comunicação opõe-se à não intencionalidade de comunicação, como termos contraditórios. Acrescentando-se aí a contradição entre a intencionalidade de *transformar conteúdos* e a não-intencionalidade de *transformar conteúdos*, a representação em um quadrado lógico toma-se possível. (20)



□ - relação entre contrários
 *--- □ relação entre contraditórios
 relação de implicação

A relação existente entre **comunicar** e **fazer** (e entre não-comunicar e não-fazer) é a relação de disjunção de contrários. Os nn. 1 e 2 correspondem às dêixis, dimensões sistemáticas instituídas, a dêixis 1 pela relação de implicação entre **comunicar** e **não-fazer**, e a dêixis 2 pela implicação entre **fazer** e **não-comunicar**. A comunicação gestual ocupa a dêixis 1: comunicar e não-fazer. A práxis gestual limita-se à dêixis 2: fazer e não-comunicar.

Uma ressalva a ser feita é que a comunicação gestual é também, como toda comunicação, um **fazer-enunciativo**. Operacionalmente, porém, no quadrado lógico acima, **fazer** é tomado como *transformar, produzir*. Trata-se do **fazer — transformar** o mundo. Pode-se, assim, estabelecer correspondência entre a disjunção de contrários, **comunicar** vs **fazer**, e a

oposição sugerida por Kristeva, entre **comunicação** e **produtividade**.

A intencionalidade, deixada de lado no quadrado acima, pode modalizar tanto o **comunicar** como o **fazer**. Há o **querer** comunicar, o **não-querer** comunicar, o **querer** fazer e o **não-querer** fazer.

Todo enunciado, gestual ou não, tem a possibilidade de ser modalizado pelo **querer**, pelo **saber** e pelo **poder**. Na relação actancial S—O, para que o sujeito S **faça** (para o fazer), é necessário que **queira** (o querer), e que **saiba** (o saber) ou **possa** (o poder) fazer. O **querer**, o **saber** e o **poder** do sujeito são modalidades do fazer, conscientes ou inconscientes, não sendo a categoria consciência vs inconsciência pertinente para os estudos lingüísticos ou semióticos.

O sujeito define-se como **sujeito de um fazer**. Há porém sujeitos **virtuais** definidos pelo **querer fazer**. O fazer pressupõe o **querer-fazer**, mas a recíproca nem sempre é verdadeira: os sujeitos virtuais (querer-fazer) nem sempre se tomam **sujeitos realizados** (sujeitos de um fazer)

No quadrado lógico proposto, tomou-se o **comunicar** pela *intenção de comunicação* (querer-comunicar) e o **fazer** pelo querer fazer, da mesma forma que o **não-comunicar** surgiu em lugar do não-querer-comunicar e o **não-fazer** em lugar do não-querer-fazer.

Na práxis gestual, o querer-fazer, a virtualidade, caracteriza a gestualidade **mítica**, e o **fazer**, a gestualidade prática. A práxis gestual prática define-se pela intencionalidade e pelo fazer (sujeito-realizado), enquanto a práxis gestual mítica é determinada apenas pela intencionalidade (sujeito virtual). (21)

A práxis gestual é definida, ao contrário da comunicação gestual, pela relação transitiva entre o **sujeito** de um fazer - transformar e o **objeto** desse fazer - transformar. Dessa forma, a totalidade dos comportamentos humanos na relação homem-mundo e a transformação do mundo pelo homem, enquanto práxis gestual, ou *produtividade* (Kristeva) tornam-se objeto da semiótica natural. Ao abranger a práxis gestual, a Semiótica, segundo Greimas, recobre a dimensão histórica do mundo e *parece querer se substituir às ciências econômicas e históricas* (22).

2.2 - Práxis
gestual

2.22 - Gestualidade
prática e
mítica

Na sua **Sémantique structurale (23)**, Greimas introduz uma divisão dicotômica na manifestação da significação interpretada como combinatória - de semas ou sememas (a estrutura de superfície na tripartição posterior em **Du sens**) (24). A categoria dicotomizante articula-se em **exteroceptividade** vs **interoceptividade**. Essa categoria já fora introduzida para dividir o universo imanente da significação em nível semiológico ou figurativo e nível semântico. As duas operações são, porém, diferentes. Ao decompor o universo imanente em nível semiológico e nível semântico, a categoria **exteroceptividade** vs **interoceptividade** é uma categoria metassêmica, isto é, classifica semas (semas nucleares e classemas). Já na estrutura de superfície, a categoria articulada em **exteroceptividade** vs **interoceptividade** classifica **sememas** e não mais semas. Trata-se, portanto, de uma categoria **classemática** e não metassêmica.

Todo semema, combinação de semas nucleares e classemas, possui ou o classema **exteroceptividade** ou o classema **interoceptividade**. Greimas exemplifica com:

Un sac lourd (classema exteroceptividade)
Une conscience lourde (classema interoceptividade)

Uma isotopia ou um inventário de sememas comportando o classema exteroceptividade denomina-se **dimensão cosmológica**; uma isotopia ou um inventário de sememas comportando o classema interoceptividade denomina-se **dimensão noológica**. *La description achevée de la dimension cosmologique constituerait la cosmologie épuisant la connaissance du monde extérieur. La description complète de la dimension noologique constituerait dans les mêmes conditions, la noologie rendant entièrement compte du monde intérieur (25).*

Entende-se por manifestação **prática** a manifestação parcial da dimensão cosmológica (manifestação de um micro-universo) e por manifestação **mítica**, a manifestação parcial da dimensão noológica. O discurso, isto é, a realização discursiva, possui assim duas isotopias fundamentais: isotopia prática e isotopia mítica. *Le discours apparaît comme une succession désordonnée de séquences tantôt pratiques, tantôt mythiques. (26)*

Em *Conditions d'une sémiotique du monde naturel*, a dicotomia prático vs mítico distingue, no interior da práxis gestual, uma gestualidade **prática** e uma gestualidade **mítica**. *Le fait est que ces deux activités tout en ayant en commun un même plan d'expression et une même visée très*

générale (qui est la transformation du monde) se partagent entre elles les significations du monde, mais d'une façon difficile à déterminer à première vue (27).

Define-se a **práxis gestual prática** pelo **fazer** que pressupõe o **querer-fazer**. Já a **práxis gestual mítica** é definida pelo **querer-fazer** (pelo desejar). **Gestualidade prática** opõe-se a **gestualidade mítica**, assim como o **realizado** opõe-se ao **virtual**, ou o **fazer no mundo** (exterior) a um **fazer interior**. Tanto o fazer (gestualidade prática) quanto o **querer-fazer** (gestualidade mítica) são, enquanto **fazer-transformar**, realizado ou virtual, **práxis gestual**, e estão em relação de contrariedade com a **comunicação gestual**.

Greimas exemplifica a práxis gestual prática com *a caça ao elefante* e a práxis gestual mítica com *a dança na aldeia, anterior à caçada*. *La danse elle-même n'est pas un spectacle cherchant à communiquer le sens à ceux qui l'observent, ce n'est pas non plus un faire objectif, mais une intentionnalité transformant le monde en tant que tel (28)*

Sempre que categorias possibilitam a classificação das unidades (semas ou sememas) do universo semântico e organizam-no hierarquicamente, isto é, como uma hierarquia de estruturas, o estatuto de tais categorias é determinado com precisão. A categoria articulada em exeroceptividade vs interoceptividade por exemplo, ao instituir, no interior do universo imanente da significação, as dimensões semiológica e semântica, surge como uma categoria metassêmica ou seja metalingüística, em relação aos semas que classifica.

Ao definir desta vez classes semêmicas e, sintagmaticamente, na manifestação da significação, as linhas isotópicas prática e mítica, a mesma categoria (exeroceptividade vs interoceptividade) é dita classemática. Os classemas, por uma de suas funções, a função classificatória, são metalingüísticos em relação a sememas ou a figuras nucleares, isto é, organizam essas unidades em estruturas hierárquicas.

Há, na semiótica do mundo natural, categorias com função metalingüística, cujo estatuto está ainda por determinar. A práxis gestual, por exemplo, divide-se em gestualidade prática e mítica, sustentadas provavelmente, pela mesma categoria exeroceptividade vs interoceptividade, metalingüística, portanto, em relação às figuras gestuais. À gestualidade, no caso à práxis gestual, enquanto sistema de figuras gestuais, superpõe-se

2.23 - Estatuto
metalingüístico
da dicotomia
prático vs
mítico

uma rede classificatória (prático vs mítico, etc) cujo estatuto semântico não pode ser negado, ainda que não se conserve, no momento, a denominação de rede classemática. Com estatuto semântico queremos dizer que essas categorias que definem classes (ou subclasses) gestuais constituem, assim como os classemas, a dimensão semântica da linguagem. Pesquisas são necessárias antes que se possa determinar até que ponto as categorias classificatórias da gestualidade são as mesmas categorias que classificam as unidades do universo significante das línguas naturais (categorias essencialmente classemáticas), como ocorre com a dicotomia prático vs mítico. A lingüística tende a antecipar uma resposta afirmativa: a superposição de categorias semânticas (classificatórias) à gestualidade e a todo o mundo natural, nada mais é que a visão lingüística projetada pelo homem sobre o mundo, sobre a realidade.

Se por um lado, a forma da expressão do mundo natural constitui a forma do conteúdo (dimensão semiológica ou figurativa) das línguas naturais, por outro lado, o mundo natural é classificado, é definido pelas categorias lingüísticas (dimensão semântica). Há entre o homem, enquanto ser essencialmente lingüístico, e o mundo, uma relação de interdependência.

Mundo Natural

Línguas Naturais

----- □ dimensão semiológica
ou figurativa
**----- dimensão semântica

2.24 Semiose

Greimas define Semiose como *la relation sémiotique entre l'expression et le contenu, constitutive du sens et inhérente à l'axiomatique de toute théorie du langage.* (29)

Os conceitos de sentido propostos em 2.12 sentido como *renvoi (comme une superposition de deux configurations)* e como *direction (comme une relation qui s'établit entre le trajet à parcourir et son point d'abattement* (30) podem dar a falsa idéia de ausência de semiose, ao se aplicar o segundo deles (*direction*). Se verdadeira tal suposição, a práxis gestual não poderia fazer parte da semiótica do mundo natural, pois não seria realidade significativa.

Hjelmslev, nas suas *Prolégomènes à une théorie du langage* (31)

faz distinção entre **sistema de símbolos** e **linguagem**, ambos, porém, objetos de estudos semióticos. Essa distinção hjelmsleviana toma mais visível o caráter semiótico da práxis gestual, isto é, o fato de que também na práxis gestual, há relação semiótica entre a expressão e o conteúdo muito embora tal relação surja como um tanto *especial*.

*Pour décider si les jeux, ou d'autres systèmes de quasi-signes tels que l'algèbre pure, sont ou non des langages, il faut voir, si leur description exhaustive exige que l'on opère sur deux plans ou si le principe de simplicité peut être appliqué de telle sorte qu'un seul plan soit suffisant. La condition qui exige que l'on opère avec deux plans est que, lorsque l'on avance l'hypothèse de leur nécessité, on ne puisse faire apparaître qu'ils ont la même structure, et présentent partout une relation univoque entre les fonctifs d'un plan et ceux de l'autre plan. Nous exprimerons cela en disant que les deux plans doivent ne pas être **conformes** l'un à l'autre (32)... Cela se vérifie facilement (que os dois planos são conformes um ao outro) en ce qui concerne les jeux où l'interprétation retrouve une grandeur de contenu correspondant à chaque grandeur d'expression (pièce ou autre) de sorte que les réseaux fonctionnels des deux plans que l'on tentera d'établir seront identiques. Une telle structure n'est donc pas un langage au sens où l'entend la théorie du langage. (33)*

Segundo o tipo de relação que mantêm entre si os planos da expressão e do conteúdo, uma estrutura será dita sistema de símbolos ou linguagem. No **sistema de símbolos** as redes funcionais dos dois planos são idênticas; há dois planos ou duas faces isomorfas. Na **linguagem** os dois planos não são isomorfos, isto é, a relação entre unidades mínimas de uma face e unidades mínimas da outra face é **indireta**. As línguas naturais, por exemplo, são **linguagem** na medida em que o plano da expressão analisa-se em fonemas e femas ou traços distintivos mínimos, e o plano do conteúdo em sememas e semas, sendo indireta e complexa a relação entre os dois planos (um *fema* e um *sema* não se relacionam diretamente).

A práxis gestual é um sistema de símbolos; as unidades gestuais obtidas até o momento são unidades de duas faces isomorfas, isto é, femas/semas ou fonemas/sememas. Há, portanto, na práxis gestual, entendida como sistema simbólico, relação semiótica entre a expressão e o conteúdo (**semiiose**), muito embora sejam planos isomorfos.

La sémiosis d'un programme gestuel sera la relation entre une séquence de figures gestuelles, prise comme signifiant, et le projet gestuel.

consideré comme signifié. (34)

A definição de semiose proposta por Greimas para a práxis gestual, torna-se mais clara quando aplicada aos programas gestuais dos órgãos da fonação (35). O *sentido* de um programa gestual articulatorio na fonação é a execução de um projeto fonológico. Cada fonema é, em suma, a execução de um projeto fonológico por um programa gestual fonador (práxis gestual). *Le sens du programme phonatoire qui lui est antérieur est justement la construction de ces objets phonologiques que sont les phonèmes et les syllabes, et le programme, en tant qu'ensemble de successions et concomitances est guidé tout au long de son trajet par ce projet phonologique.* (36)

A adequação à práxis gestual da segunda conceituação de sentido - *uma relação que se estabelece entre o trajeto a percorrer e seu ponto de chegada* ou seu projeto - deixa prever já que a práxis gestual é, na acepção de Hjelmslev, um sistema de símbolos e não uma *linguagem*. Todo sistema semiótico a que se aplique tal definição de sentido, surge automaticamente como um sistema de símbolos. Afirmar o caráter simbólico da práxis gestual e a adequação a essa gestualidade da definição de sentido como direção ou intencionalidade, torna-se, de uma certa forma, redundante.

A primeira idéia de sentido - *le renvoi d'un code (code de l'expression) à un autre code (code du contenu)* (37) não especifica se os dois planos - expressão e conteúdo - são ou não isomorfos. Assim, qualquer sistema semiótico concebido nesses moldes poderá ser um sistema tanto simbólico quanto lingüístico. No caso específico da comunicação gestual (oposta à práxis gestual), os dois planos, as duas configurações são, na maioria das vezes, isomorfas: relação entre um fema e um sema (gestualidade atributiva), uma figura e um semema (gestualidade mimética), e assim por diante. De qualquer forma, a comunicação gestual está mais próxima que a práxis gestual daquilo que Hjelmslev entende por linguagem, graças, justamente às possibilidades oferecidas pela primeira definição de sentido.

2.25 - Dessemantização

Um mesmo projeto (*significado*) é realizado por significantes gestuais de diferentes dimensões. O projeto *abrir a porta* pode consistir em um único *movimento* de puxar ou empurrar a porta ou em uma seqüência de *movimentos* (sintagma) tais como *abrir a bolsa, pegar a chave, colocá-la na fechadura, dar volta à chave, abrir o trinco*, etc. A dessemantização é conseqüente a esse aumento de dimensão do significante gestual. Cada uma

dessas figuras gestuais — *abrir a bolsa, pegar a chave*, etc (divisíveis ainda em unidades menores) — recebe uma interpretação semântica, constitui por si só um **projeto gestual**. Quando participam, porém, de um projeto gestual maior mantêm-se **as figuras**, porém **dessemantizadas**. Assim como nos compostos das línguas naturais - pé-de-moleque, por exemplo—um programa gestual é formado por enunciados vazios de sentido (*neutralizados*), mas com uma significação precisa na sua totalidade: o **projeto** a realizar. Configura-se a partir daí a semióse na gestualidade como uma relação entre significante (como um todo) e significado e, ao mesmo tempo, uma rede de relações entre o significado e cada figura gestual dessemantizada (relação hiperotáxica: todo para as partes).

A práxis gestual pode agora ser entendida como *l'utilisation que fait l'homme de son propre corps en vue de la production de mouvements organisés en programmes ayant un projet - un sens commun*. (38) O projeto gestual é, essencialmente, o projeto do sujeito - *gesticulante* e não, apenas, o do destinatário-espectador.

2.25 - *Definição de práxis gestual*

Cinco pontos são suficientes para localizar o código de comunicação gestual entre os estudos semióticos da gestualidade.

2.3 - *Comunicação gestual*

- a) A comunicação gestual define-se pelo eixo da comunicação, surgindo o *ator-gesticulante* como destinador de um saber a um destinatário.
- b) Aquele que gesticula é, como destinador-codificador, sujeito **da enunciação**, e a comunicação gestual caracteriza-se pela impossibilidade de um sincretismo entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado.
- c) O código da comunicação gestual não permite a construção de enunciados, considerando-se essa incapacidade de produzir enunciados como **incapacidade de produzir enunciados com função referencial** (na acepção de Jakobson), pois enunciados que realizem outras funções - emotiva, conativa, fática ou metalingüística - são possíveis na comunicação gestual.
- d) A comunicação gestual opõe-se à práxis gestual como o

comunicar ao **fazer-transformar**, isto é, como termos contrários, determinados respectivamente pelos conteúdos sémicos negativo (-) e positivo (+).

- e) A categorização dos planos do conteúdo e da expressão aparece na comunicação gestual, assim como na práxis gestual, como paralela, isomorfa, levando a incluir o código de comunicação gestual entre os sistemas de símbolos e não entre as linguagens (Hjelmslev).

Greimas organiza a comunicação gestual em duas classes: gestualidade de comunicação direta e gestualidade de transposição — subclassificadas, respectivamente, em gestualidade atributiva e modal e gestualidade mímica e lúdica.

a) Gestualidade atributiva

2.32 - Gestualidade de comunicação direta

A relação semiótica que caracteriza a gestualidade atributiva consiste na *correlação entre uma categoria fêmica do plano da expressão com uma categoria sêmica pertencente ao plano do conteúdo* (39). A definição de sentido adequada à gestualidade atributiva, como a todo código de comunicação gestual, é sentido como superposição de duas configurações: uma configuração da expressão que remete a uma configuração do conteúdo, *instituinto a natureza humana como sentido*. Decorrem daí o caráter essencialmente indiciário da gestualidade atributiva (boca inferativa *f \ é* indício de tristeza) e a dominância da função emotiva em seus enunciados. Os enunciados possíveis no código gestual atributivo são enunciados do ser e não do fazer pois *aquele que gesticula só pode falar de si mesmo. Il se révèle incapable de raconter le monde.* (40)

Podemos exemplificar com a categoria fêmica (plano da expressão) testa enrugada vs testa lisa (sem rugas), correlacionada à categoria sêmica (plano do conteúdo) preocupação vs despreocupação em um determinado contexto cultural-ideológico.

b) Gestualidade modal

Há dois tipos de gestualidade modal: a gestualidade que serve para programar a comunicação - *des comportements gestuels qui visent à établir, à maintenir ou à interrompre la communication* (41) - e a gestualidade

modal propriamente dita — *l'ensemble des modalités de jugement susceptible d'être porté sur un énoncé, telles que assentiment vs refus, certitude vs doute, étonnement vs ruse, etc* (42). A gestualidade modal propriamente dita consiste, em síntese, em negar ou aceitar *gestualmente* o enunciado formulado pelo interlocutor.

A gestualidade que *programa a comunicação* coloca-se como **fática**, no sentido jakobsoniano, enquanto a gestualidade modal propriamente dita, além de emotiva, é também **conativa ou apelativa** desde que se considere a **modalização** como *expressão* do destinador que procura influenciar o destinatário.

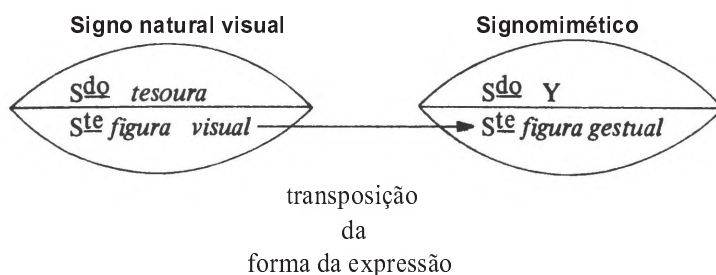
a) Gestualidade mimética

O dicionário define mimetismo como *fenômeno de vários animais tomarem a cor e a configuração dos objetos em cujo meio vivem ou de outros animais de grupos diferentes* (43).

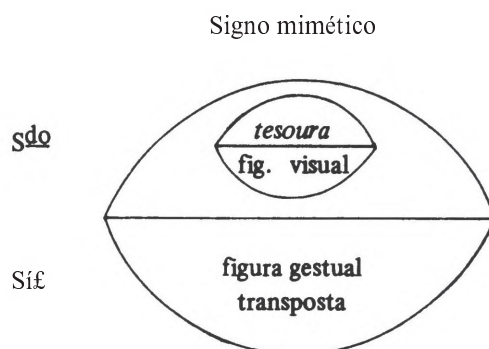
Greimas denomina **mimética** um tipo de gestualidade de transposição. *La gestualité mimétique n'est en somme qu'un inventaire de signes gestuels ayant, au niveau du contenu, les dimensions de semèmes et au niveau de l'expression celles des figures, signes obtenus par la transposition du signifiant pris à une substance manifestante préexistente dans la substance gestuelle qu'est le corps humain.* (44)

Na gestualidade mimética, uma semiótica visual — semiótica dos signos naturais ou práxis gestual - é transposta em outra semiótica visual. Para exemplificar tomamos o signo visual **tesoura**. A transposição é, apenas, de significante, ou melhor de **forma de expressão**, ficando o significante mimético reduzido a uma figura elementar. No caso de tesoura, **dois dedos que se abrem e se fecham**.

2.33 - Gestualidade de Transposição



O signo mimético consiste em uma figura gestual transposta, quanto ao plano da expressão e, em **um signo natural, visual ou gestual**, quanto ao plano do conteúdo. No esquema abaixo o significado Y é substituído pelo signo natural visual *tesoura*.



A gestualidade mimética surge assim como metalingüística em relação à semiótica natural visual ou à práxis gestual (seja ela prática ou mítica), pois *un métalangage est un système dont le plan du contenu est constitué lui-même par un système de signification; ou encore c'est une sémiotique qui traite d'une sémiotique* (45), na definição de R. Barthes (46). A gestualidade mimética, não constitui porém, metalinguagem científica, isto é, a metalinguagem que pressupõe a existência de uma meta-linguagem que defina seus conceitos descritivos e verifique a coesão interna deles.

A gestualidade mimética acompanha muitas vezes a fala, não sendo, porém, simples ilustração ou redundância dela. A relação existente entre a gestualidade mimética e a língua é indireta, mediatizada pela práxis gestual ou pela semiótica natural visual. (47)

b) Gestualidade lúdica

Na gestualidade lúdica, também de transposição, **enunciados** e não **signos** são transpostos. *Toute gestualité programmée dépassant les dimensions des sémème/phonème dans la mesure où elle est mise au service de la communication, est d'origine mytique; elle est la transposition, sur Taxe de la communication, d'énoncés et de programmes gestuels à contenu mytique.* (48)

Enunciados e programas da práxis gestual mítica (e não prática)

são transpostos em gestualidade lúdica, que Greimas exemplifica com as danças folclóricas. A gestualidade lúdica pede ainda estudos mais aprofundados. Seria a relação entre a práxis gestual mítica a ser transposta e a gestualidade lúdica da ordem de enunciado vs enunciação (Dor (enunciado mítico) Dário) ou da ordem de *língua* objeto vs metal íngua (como na gestualidade mimética)?

Ponto incontestável, porém, é que a comunicação gestual, conquanto paupérrima, como código de comunicação prática e sobretudo quando comparada à comunicação lingüística, afasta-se da comunicação lingüística, ganha consistência, enriquece, enfim, quando tomada como código de comunicação mítica.

Em *Conditions d'une sémiotique du monde naturel*, Greimas concentra seus esforços na definição e delimitação dos estudos semióticos voltados essencialmente para a práxis gestual, relegando a um segundo plano a comunicação gestual. Tres razões básicas são responsáveis por essa tomada de posição: em primeiro lugar porque normalmente os estudos semióticos abrangem apenas a comunicação gestual, nunca a práxis gestual (os comportamentos práticos); em segundo lugar porque a comunicação gestual, enquanto comunicação prática, é extremamente pobre, sobretudo se comparada à comunicação lingüística; em terceiro lugar, finalmente, porque estudos semióticos da práxis gestual podem possibilitar uma melhor compreensão da chamada dimensão designativa ou função simbolizadora da linguagem.

À dimensão designativa da linguagem, entendida como relação linguagem—mundo, Charles Morris reserva o nome de dimensão semântica, que o prof. Ignácio Assis da Silva mantém na introdução de *A Dêixis Pessoal* (49). Preocupado com uma definição mais adequada do signo, o prof. Assis da Silva é levado a considerar *as relações que o signo contrai com outros elementos do processo de comunicação* e que definem suas dimensões:

- 1) a relação do signo com seus usuários, isto é, com o destinatador e o destinatário.
- 2) a relação do signo com outros signos no código (repertório ou explícito).
- 3) a relação do signo com outros signos na mensagem.
- 4) a relação do signo com a coisa denotada, ou, em outros termos, a relação signo-experiência comunicada (50).

3 - *Semiótica do mundo natural e semiótica Aas línguas naturais:*

O problema específico dos chamados "verbos de comunicação "

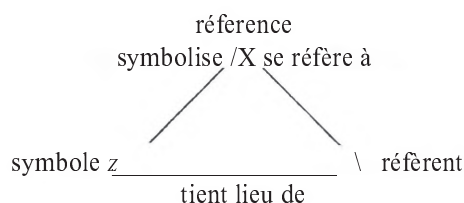
3.1 - *Dimensão designativa da linguagem*

Essas relações caracterizam as quatro dimensões básicas do signo: dimensão pragmática (1), dimensão sistemática (2), dimensão sintática (3), dimensão semântica (4).

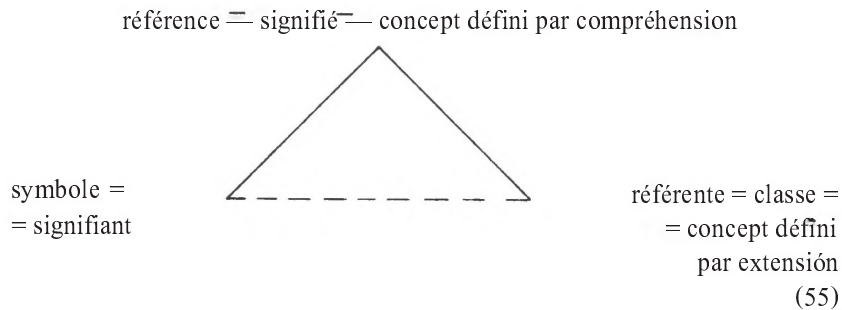
É possível aproximar a *dimensão semântica do signo* do nível semiológico ou figurativo de Greimas, definido pelo metassema exteroceptividade. *Para Greimas, as categorias sêmicas (nível semiológico) são os correspondentes lingüísticos das diversas ordens de percepção: táctil, espacial, aspectual, etc.. Elas se situam, segundo ele, no interior do processo de percepção, onde constituem percepts puros e representam a face externa da percepção, a contribuição do mundo exterior ao nascimento do sentido... Vê-se por esta breve caracterização, que o componente semiológico de Greimas, tal como o nível semântico de Benveniste e o estrato semântico da Gramática Estratificacional, remete também, de certo modo, para o universo dos denotata* (51).

Seguindo Coseriu, denominamos dimensão designativa do signo, a dimensão determinada pela relação signo-denotatum. Coseriu opõe significação a designação, referindo-se a significação a conceitos definidos intensionalmente e a designação a conceitos definidos extensionalmente (52). A definição de um conceito por intensão consiste, na lógica, na especificação do conceito por seus traços distintivos e a definição por extensão na enumeração exhaustiva dos objetos aos quais o conceito se aplica.

K. Heger (53) tomando, como ponto de partida, o triângulo de Ogden - Richards

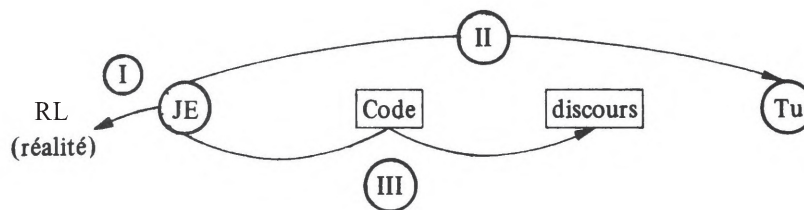


afirma que *du point de vue du symbole, la référence semble s'identifier avec ce qui est connu en linguistique comme le signifié des signes et du point de vue du réfèrent elle semble s'identifier avec ce qui en logique est connu comme le concept défini par intension (ou compréhension)* (54). Especificando o triângulo de Ogden - Richards, Heger propõe, então:



Tanto Coseriu, ao opor significação a designação, quanto Heger ao reconhecer no signo dois tipos de relação — a relação **significante** vs **significado** e a relação **conceito definido por intensão** vs **conceito definido por extensão**— mostram-se preocupados com as correlações a serem estabelecidas entre signo e realidade. O denominador comum das proposições de Coseriu e de Heger é a convicção, de urna certa forma ponto pacífico na Lingüística, de que a relação entre o significante e a realidade é indireta, mediatizada pelo significado (plano do conteúdo). Se tal certeza levou a maioria dos lingüistas a definir o signo como constituído de duas faces - significante e significado — excluindo a classe dos **denotata**, o mesmo não ocorre com Coseriu ou com Heger. Coseriu e Heger reconhecem que a determinação, ainda que parcial, do tipo de relações existentes entre o mundo e a linguagem, pode contribuir inclusive para que se conheça melhor o fenômeno lingüístico. Não se esquecem, porém, de que resultados só serão obtidos nesse campo, se tais relações forem procuradas no declive do triângulo, isto é, aas relações entre o plano do conteúdo e o referente (enquanto classe).

Charaudau, a quem tomamos emprestada a denominação *funçSo-simbolizadora da linguagem*, propõe, para o processo de comunicação, o esquema abaixo, na sua forma já simplificada. (56)



*Le JE se trouve au carrefour de la réalité et du code linguistique. Il projette une **vision linguistique** sur la réalité. Le discours est la mise en forme de la vision linguistique. (57)*

Os **algarismos** romanos I, II, e III remetem às *funções da linguagem*:

- I: relação JE - RL: função simbolizadora da linguagem.
- II: relação JE - TU: função polêmica da linguagem.
- III: relação JE — Code — (discours): função poética da linguagem.

Há duas interpretações possíveis da **função simbolizadora** de Charaudau, definida pela relação JE — RL: se **função** for tomada no sentido martiniano de *papel (rôle)* a função simbolizadora poderá ser aproximada da função referencial de Jakobson (*mise en forme de la vision linguistique projetée sur la réalité*); se **função** for tomada no sentido hjelmsleviano de *relação* (função matemática), a função simbolizadora aparecerá como dimensão designativa da linguagem. São duas preocupações diferentes embora interrelacionadas, a preocupação com a linguagem enquanto instrumento de *informar sobre o mundo* (função referencial de Jakobson) e a preocupação com a relação existente entre linguagem e mundo (dimensão designativa), tanto no sentido linguagem—mundo, quanto no sentido mundo—linguagem.

3.2 - A contribuição de Greimas

A contribuição original de Greimas para uma melhor compreensão da dimensão designativa da linguagem ou designação, em *Conditions d'une sémiotique du monde naturel*, pode ser resumida em dois itens principais:

- a) o mundo natural não é considerado, por Greimas, como **realidade - coisa** e sim como **realidade significante**, objeto, portanto, de estudos semióticos. A *designação* (relação entre linguagem e mundo natural) passa a ser definida como **relação entre duas Semióticas** (Semiótica das línguas naturais e Semiótica do mundo natural); entre dois **signos** e não mais como relação entre signo e referente. *H suffit pour cela de considérer le monde extra-linguistique non plus comme un réfèrent absolu, mais comme le lieu de la manifestation du sensible, susceptible de devenir la manifestation du sens humain, c'est-à-dire de la signification pour l'homme; de traiter en somme ce réfèrent comme un ensemble de systèmes sémiotiques plus ou moins implicites. Tout en affirmant le caractère privilégié de la sémiotique des langues naturelles - celles-ci ayant la propriété de recevoir les traductions des autres sémiotiques - il nous faut postuler l'existence et la possibilité d'une sémiotique du monde naturel et concevoir la relation entre signe et les systèmes linguistiques (naturels) d'une part, les signes et*

les systèmes de signification du monde naturel, de Vautre, non comme une référence du symbolique au naturel, du variable a l'invariable, mais comme un réseau de corrélations entre deux niveaux de réalité signifiante. (58)

b) As correlações entre mundo natural, enquanto realidade significativa, e línguas naturais encontram-se, não como relações de **signo a signo** (*inatural* e lingüístico), mas ao nível dos traços elementares, dos termos em que se articulam categorias fêmicas e sêmicas. As unidades elementares do plano da expressão (femas) do mundo natural constituem as unidades elementares do plano do conteúdo (semas nucleares) das línguas naturais.

Os parágrafos restantes desse artigo serão dedicados ao problema específico dos chamados *verbos de comunicação*, enquanto relação entre as duas semióticas - *natural* e lingüística -, segundo a proposição de Greimas.

Alguns pontos essenciais, concernentes à gestualidade e às correlações existentes entre a semiótica das línguas naturais e a semiótica do mundo natural, precisam ser recapitulados, para que os problemas específicos levantados por *verbos* (funções) como **dar**, apareçam com maior clareza.

3.3 - Verbo do tipo dar

A práxis gestual é definida pelo eixo da transitividade, pelo fazer do homem transformando o mundo (S ----- O), enquanto na comunicação gestual, aquele que gesticula é destinador de um saber ao destinatário (Dor - Dário). A oposição existente entre práxis e comunicação gestual deve sua rigidez, sobretudo, à impossibilidade de combinação das categorias actanciais S — O e Dor — Dário, combinação essa que ocorre nas línguas naturais. A práxis gestual, enquanto forma da expressão constitui a forma do conteúdo das funções (predicados dinâmicos) nas línguas naturais.

Retomados esses elementos, as dificuldades básicas que enunciamos lingüísticos, como *João dá o livro a Maria*, acarretam a estudos da *dimensão designativa da linguagem*, podem ser resumidas, ainda que com certa imprecisão, na questão abaixo: *Sabendo que há uma rede de correlações entre a **práxis gestual**, enquanto realidade significativa, e as funções nas línguas naturais, qual a relação a determinar entre o mundo natural e funções como **dar** nas línguas naturais? Ou, mais claramente, é possível, também nesse caso, separar **com rigor** práxis e comunicação gestual, já que tais **verbos** são comumente denominados **verbos-de-comunicação** ?*

3.32 - O programa gestual **dar**

Antes de qualquer tentativa de determinar ou mesmo levantar hipóteses quanto às correlações entre mundo natural e línguas naturais, no caso particular dos *verbos* tipo **dar**, é interessante que se observe o programa gestual **dar**. Entende-se por *programa gestual dar* um comportamento natural complexo ou uma seqüência de figuras gestuais que correspondem àquilo que em língua natural é denominado **dar**.

No programa gestual **dar** a relação Sujeito - Objeto surge como evidência: o sujeito que realiza o programa gestual **dar** e o objeto *que é dado*. Constata-se, porém, um terceiro actante presente, que também mantém com o objeto uma relação transitiva S — O. Há, portanto, dois sujeitos relacionados transitivamente com um único objeto.

Sj ----- O
S₂----- O

Tanto S₁ quanto S₂ são atores *gesticulantes* colocando-se, assim, cada um deles, como sujeito de um programa gestual e pressupondo um objeto do seu *fazer*. Ou melhor, S₁ executa uma seqüência de gestos (de figuras gestuais) e S₂ uma outra seqüência, diferente da realizada por S₁. O objeto pressuposto por S₁ é o mesmo objeto que S₂ pressupõe. A relação, porém, existente entre S₁ e o objeto O não é a mesma que S₂ mantém com esse objeto.

Duas conclusões já são possíveis no momento:

I - Esse tipo de programa gestual é mais complexo que o tipo *A pega o livro*. Há, em *A pega o livro* um único sujeito S (um só ator-gesticulante) e um único objeto O, enquanto em *A dá o livro a B* há dois sujeitos - S₁ e S₂ - em relação transitiva com um mesmo objeto (S₁ — O e S₂ - O). Com base nos dados obtidos em estudos voltados para a práxis gestual e sobretudo, ao comparar *A pega o livro* com *A dá o livro a B*, é possível considerar S — O como o **enunciado elementar** gestual. No programa gestual **dar**, mais complexo que o programa **pegar**, surgem dois enunciados elementares:

Sj ----- O
S₂----- O

II - Reconhecer que há no programa gestual **dar** dois sujeitos que se relacionam, transitivamente, com um mesmo objeto, não caracteriza,

suficientemente, esse tipo de gestualidade. Necessário se faz, a partir daí, explicitar ao menos dois pontos, essenciais a uma melhor compreensão do programa gestual **dar**:

a) As diferenças e semelhanças existentes entre o enunciado 51 — O e o enunciado S2 — O, ambos enunciados elementares.

b) O estatuto da relação que Si e S2 mantêm entre si.

Tomou-se programa gestual, até o momento, como seqüência de figuras gestuais, isto é, enquanto significante oposto a um significado. Sabendo, porém, que o **projeto** de um programa gestual constitui seu significado, isto é, que *une activité gestuelle ordonnée, programmée, ne peut être saisie et définie que par son projet* (59) e ainda mais, que um projeto é, sempre, **projeto de um sujeito**, é preciso reconhecer que Si e S2, enquanto atores-gesticulantes, responsáveis cada qual por uma seqüência gestual própria, (significantes diferentes) realizam dois programas gestuais diferentes, definidos por **projetos** também diferentes (significados diferentes). O projeto gestual de Si no exemplo escolhido é **dar** e o projeto gestual de S2 é **receber**. Dessa forma, dois projetos são executados simultaneamente, levando-nos a substituir a denominação *programa gestual dar*, empregada até o momento, por programa gestual dar - receber (programa duplo).

A execução simultânea de dois projetos gestuais (Si — O e S2 - O) possibilita, conseqüentemente, que, em um dado momento, um dos projetos seja privilegiado, segundo a perspectiva escolhida pelo destinatário-espectador (60). O ponto-de-vista é exterior ao enunciado gestual, pois, para os sujeitos-gesticulantes Si e S2 não há a possibilidade de mais de uma perspectiva: cada um deles realiza o seu próprio projeto gestual. O ponto-de-vista é, na maior parte das vezes, imposto pelo sujeito da enunciação, isto é, o destinador-codificador. Na narrativa, por exemplo, é o narrador-destinador que privilegia esta ou aquela perspectiva. Na gestualidade, porém, como o destinador é X (ver 2.15), cabe ao destinatário-decodificador (o espectador) a escolha de um determinado prisma, podendo adotar, em uma mesma seqüência de figuras gestuais, o ponto-de-vista de **Si (Si dá O a S2)** ou o ponto-de-vista de **S2 (S2 recebe O de Si)**.

Lima primeira resposta pode já ser adiantada ao problema a: os enunciados Si - O e S2 - O são diferentes, não só enquanto plano da expressão — duas diferentes seqüências de figuras gestuais — mas, também, enquanto plano do conteúdo - as duas seqüências de figuras gestuais, consi-

deradas como programas gestuais, definem-se por diferentes projetos gestuais. Determinar em que consistem, essencialmente, as diferenças e semelhanças dos dois projetos é responder, ao mesmo tempo à questão b, isto é, caracterizar a relação que S₁ e S₂ mantêm, entre si.

Os dois projetos gestuais possuem em comum o objeto O. Quando um objeto é comum a dois projetos gestuais simultâneos e diferentes, a única conclusão possível é que se trata de um objeto de comunicação, isto é, um objeto em trânsito entre dois sujeitos. O objeto, até então, definido pelo querer-fazer e pelo fazer do sujeito, situa-se, nesse caso, como objeto de comunicação entre um destinador e um destinatário. O eixo da comunicação superpõe-se, dessa formado eixo da transitividade e S₁ como destinador e S₂ como destinatário. A instituição de S₁ como destinador e de S₂ como destinatário não está na dependência da perspectiva adotada pelo espectador, mantendo-se, qualquer que seja o prisma escolhido, pois o destinador caracteriza-se, sempre, como possuidor de alguma coisa a ser comunicada a um destinatário que, por sua vez, está privado do objeto da comunicação. O sentido da flecha no esquema abaixo, indica o percurso do objeto enquanto objeto de comunicação, definindo destinador e destinatário pelas relações de posse e privação do objeto, sucessivas e inversas.

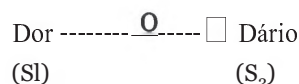
Dor (S₁)-----O-----□ Dário (S₂)

O projeto gestual de S₁ consiste na seqüência posse - privação e o de S₂ na seqüência inversa e simultânea privação — posse. S₁ e S₂ mantêm entre si relação de comunicação, enquanto, respectivamente destinador e destinatário, definindo-se o destinador como sujeito realizado pela posse do objeto e o destinatário como sujeito virtualizado pela privação do objeto, ambos dotados, como sujeitos, da modalidade do querer: querer se privar no caso de S₁ (Dor) e querer *possuir* no caso de S₂ (Dário).

A posse do objeto pressupõe a privação dele (*é possibilidade de privação*) e a privação do objeto, a sua posse (*é possibilidade de posse*). Essa pressuposição lógica constitui a dialética da comunicação (a função polêmica de Charaudau).

A gestualidade tipo dar - receber caracteriza-se dessa forma, tanto pelo eixo da transitividade, subjacente à práxis gestual, quanto pelo eixo da comunicação, definidor da comunicação gestual. É possível, porém, distinguir operacionalmente, dois níveis interdependentes, na gestualidade dar - receber: um nível 1 em que há apenas a dupla transitividade da relação

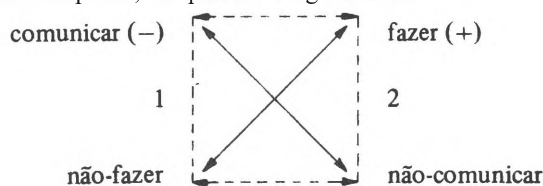
sujeito - objeto ($S_1 - O$ e $S_2 - O$), e um nível II, e, que $S_1 - O$, e $S_2 - O$, enunciados elementares, são *transformados*, pela superposição do eixo da comunicação, no enunciado complexo:



A gestualidade dar-receber define-se até o momento pelos eixos da transitividade e da comunicação, organizados em níveis superpostos. Essa definição operacional permite aproximar o nível I da práxis gestual e o nível II da comunicação gestual. No nível I, o programa gestual dar-receber, enquanto relação transitiva $S_1 - O$ e $S_2 - O$, surge como o **fazer** de dois sujeitos diferentes: o sujeito S_1 cuja relação com o objeto O é uma relação de posse-privação e o sujeito S_2 , relacionado com o mesmo objeto em sentido inverso: privação-posse.

No nível II, o objeto do fazer do sujeito (no caso, dos sujeitos S_1 e S_2), situa-se como objeto de comunicação entre S_1 e S_2 , redefinidos dessa forma, respectivamente, em destinador e destinatário. A superposição do eixo da comunicação, cujo resultado é a seqüência Dor (S_1) - Dário (S_2), é responsável também, pela realização do percurso do objeto, até então virtual em nível I: posse-privação para o Dor e privação-posse para o Dário.

A gestualidade dar-receber participa da práxis gestual (nível I) e da comunicação gestual (nível II), o que permite tomá-la como a atualização do termo complexo, no quadrado lógico abaixo.



Comunicar e **fazer**, em relação de disjunção de contrários, são determinados respectivamente, na designação de Brondal, pelos conteúdos sêmicos negativo (-) e positivo (+), surgindo o termo complexo como *negativo e positivo* (-h).

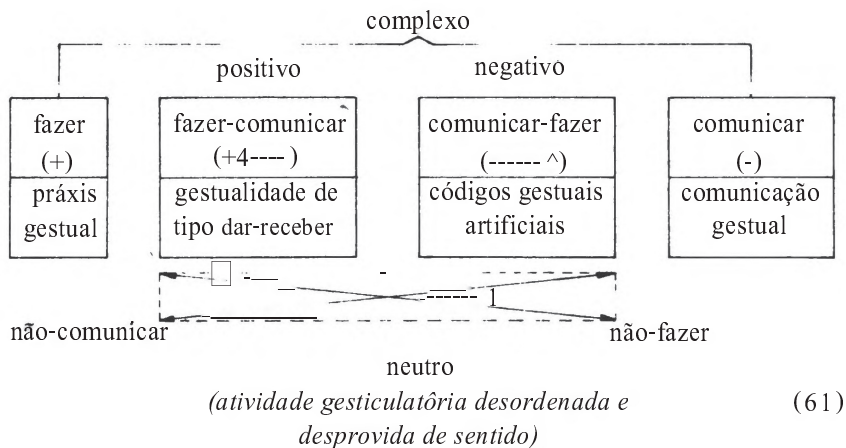
A práxis gestual atualiza o termo **fazer** definido pela presença do sema positivo (+) e a comunicação gestual o termo **comunicar** determinado pela presença do sema negativo (-), enquanto a **gestualidade dar-receber**, ao

mesmo tempo práxis e comunicação, conseqüentemente aparece como eixo que suporta a oposição positivo vs negativo, isto é, como termo complexo cujo conteúdo sé mico é (+ -).

Ao distinguir dois níveis no programa gestual dar*receber, tomou-se o nível II como resultado da *transformação* do nível I pela superposição do eixo da comunicação ou, enunciando sob forma de uma regra explícita: sempre que um único objeto for comum a dois projetos gestuais (*dois fazeres*) simultâneos e diferentes (nível I), esse objeto impõe-se como objeto de comunicação entre um Dor e um Dário (nível II). Considerando-se o nível II como *transformado* a partir do nível I, o programa gestual dar-receber, enquanto organizado pelos dois níveis superpostos, confirma o seu estatuto de termo complexo, só que, mais especificamente termo complexo positivo. Em outras p[á]vras, a gestualidade dar-receber é mais práxis que comunicação gestual, é antes um fazer que um comunicar. Um complexo positivo caracteriza-se pela dominância do sema positivo em relação ao negativo, no interior do complexo sémico, isto é (-1- 4—).

Não há, na gestualidade natural, a manifestação do termo complexo negativo, caracterizado pela dominância do sema negativo (-----(-). O complexo negativo ocorre apenas nos códigos gestuais artificiais que possibilitam o comunicar-fazer, isto é, a comunicação gestual de enunciados sobre o *fazer dos homens* : Dor S O Dário →

No interior da gestualidade natural, as gestualidades mimética e lúdica, determinadas negativamente (—) como comunicação gestual, tendem ao complexo negativo (----- (-), aocomunicar-fazer.



Separou-se, sempre, com rigor, práxis e comunicação gestual, devido, essencialmente, à impossibilidade de combinação do eixo da transitividade e do eixo da comunicação, combinação essa que, se realizada, situaria o enunciado da práxis gestual (S - O) como objeto de comunicação entre um Dor e um Dário (comunicação gestual). Em outros termos, o fato de, na gestualidade natural, não ocorrer o complexo negativo — comunicar-fazer ou comunicar *o fazer que transforma o mundo* — determinou um maior afastamento entre práxis e comunicação gestual e justificou a pobreza da comunicação gestual, quando comparada à comunicação verbal. Há, porém, como acabamos de verificar, a possibilidade de combinar os eixos da transitividade e da comunicação, através do objeto, que aparece como **objeto do fazer** (de dois sujeitos diferentes: S₁ e S₂) e como **objeto de comunicação** (de um Dor a um Dário) em níveis interdependentes e superpostos.

Opõe-se, dessa forma, um **comunicar-fazer**, impossível na gestualidade natural a um **fazer-comunicar**, manifestado na gestualidade **dar-receber**.

<p>Comunicar-fazer (complexo negativo (h))</p> <p style="text-align: center;">Dor $\overline{\text{S - O}}$ Dário</p> <p>[<u>n</u>ão ocorre na gestualidade natural]</p>	<p>Fazer-comunicar (complexo positivo (+ + —))</p> <p style="text-align: center;">Dor $\overline{\text{O}}$ Dário (S₁) (S₂)</p> <p>[ocorre na gestualidade natural nos programas gestuais tipo dar-receber]</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A gestualidade dar-receber, graças a seu estatuto de termo complexo e, sobretudo, de complexo positivo (fazer - comunicar), é constitutiva, enquanto plano da expressão, do plano do conteúdo das funções de tipo dar-receber (*verbos de comunicação*) nas línguas naturais.

As correlações entre o nível I dos programas gestuais dar-receber e as línguas naturais não fogem ao modelo proposto para todo e qualquer programa gestual caracterizado pela relação entre o sujeito do fazer e seu objeto (S - O), desde que se considere que as línguas naturais lexicalizam ora o programa gestual de S₁ (*dar*) ora o programa gestual de S₂ (*receber*). (62)

Relaciona-se assim a função **dar** com o programa gestual de S₁ e a função **receber** com o programa gestual de S₂. Os programas gestuais reali-

zados por Si e S2 são diferentes (diferentes seqüências de figuras gestuais) e têm em vista a execução de projetos gestuais também distintos (posse-privação e privação-posse). A língua natural impõe ao falante, como destinatador-codificador, a escolha de uma perspectiva que privilegie um dos projetos gestuais.

Há, geralmente, nas línguas naturais, uma **função** diferente para cada possível perspectiva no programa gestual tipo dar-receber. Se o **falante** adotar o ponto de vista de Si, a função a ser atualizada será **dar**, se a perspectiva escolhida for a de S2, a função correspondente será **receber**, permitindo dessa forma que as correlações entre funções (línguas naturais) e gestualidade **dar-receber** sejam procuradas no nível I, definido pelo eixo da transitividade: Si - O e S2 - O. A relação Si - O enquanto forma da expressão, é constitutiva da forma do conteúdo da função **dar**, e a relação S2 - O, da função **receber**.

Considerou-se até agora apenas aquilo que as funções de tipo **dar-receber** têm em comum com funções de tipo **pegar**, isto é, a **transitividade**. As funções (de tipo dar e de tipo pegar) correlacionam-se à práxis gestual (prática ou mítica), no mundo extralingüístico, tomado como realidade significativa. Todas as funções lingüísticas surgem dessa forma, para Greimas, como **transitivas** — relação do homem com o mundo, fazer do homem no mundo -. estando ainda por determinar o caráter figurativo ou semântico da categoria da transitividade.

Ocorre no entanto que, se no programa gestual *pegar o livro*, o sujeito gesticulante S coloca-se como sujeito pela sua relação com o objeto O (no caso *o livro*), no programa gestual *dar O a B*, o sujeito gesticulante Sj define-se **como sujeito** também pela sua relação com o objeto O, mas, **como destinador** pela sua relação com B (S2 — Dário). Dessa forma, Si existe pela dupla relação que mantém - com O e com S2 - e S2 pela dupla relação mantida com O e com Sj. O nível II, em que Sj e S2 surgem respectivamente como destinador, definido pela posse-privação do objeto de comunicação, e como destinatário, definido pela privação-posse do objeto de comunicação, não pode portanto ser omitido nas tentativas de determinar a relação entre mundo natural e línguas naturais, no caso particular dos *verbos de comunicação*.

Duas soluções se apresentam possíveis para que a relação Dor (Si) Dário (S2), enunciado complexo de nível II, seja também constitutiva do plano do conteúdo das funções dar-receber, nas línguas naturais.

a) A primeira opção consiste em manter a distinção operacional dos níveis I e II e em considerar a relação existente entre S_1 e S_2 , respectivamente, destinador e destinatário, como posterior aos enunciados elementares de nível I $S_j - 0$ e $S_2 - 0$. As relações $S_1 - 0$ e $S_2 - 0$ constituiriam, respectivamente, as figuras nucleares das funções **dar** e **receber**, enquanto a relação de comunicação $Dor - *$ Dário, superposta, classificaria os enunciados elementares ($S - 0$), definindo diferentes classes de relações sujeito-objeto.

O nível II, na gestualidade, surge assim como classificatório, e relação de comunicação como termo de uma categoria classificatória e, portanto, semântica, tanto na gestualidade quanto nas línguas naturais. Postula-se dessa forma a existência da categoria semântica (classemática nas línguas naturais) articulada nos termos W vs Z e definidora das classes semêmicas W (tipo **pegar**) e Z (tipo **dar** ou **receber**) ou das classes gestuais W (*fazer*) e Z (*fazer-comunicar*). Em outras palavras, nas línguas naturais, a distinção entre funções da classe **pegar** (relação $S - 0$) e funções da classe **dar** (relação Dor (S_j) Dário (S_2)) aparece como oposição **classemática** e não nuclear, definindo-se a classe **dar** pelo classema Z e a classe **pegar** pelo classema W .

Dar, dizer, receber, vender, etc: classe definida pelo classema Z .

Pegar, pôr, olhar, etc: classe definida pelo classema W .

As classes W e Z possuem em comum a transitividade. Decorre assim, dessa primeira solução, a existência de funções transitivas W e de funções transitivas Z .

b) A segunda possível solução é considerar que o programa gestual do sujeito (seja S_1 ou S_2 , segundo o ponto de vista escolhido pelo falante) define-se pelo projeto *estabelecer relação (comunicar-se)* com o destinatário, através do objeto. O objeto não se coloca apenas como objeto-do-fazer-do-sujeito, no enunciado $S - 0$, mas, enquanto objeto de comunicação, toma-se mediador da relação entre S_1 e S_2 , tomados como destinador e destinatário. O projeto gestual de S_1 ou de S_2 é, essencialmente, o **fazer-comunicar**. S_1 , possuidor do objeto da comunicação e modalizado pelo querer *privar-se*, realiza-se como sujeito do fazer-comunicar, isto é, relaciona-se com S_2 através do objeto O . S_2 , privado do objeto da comunicação, mas dotado do querer *possuir*, realiza-se, também, como sujeito do fazer-comu-

nicar, isto é, estabelece relação, mediatizada pelo objeto O, com Si-

Tomar tal posição, isto é, considerar a relação Dor—Dário como projeto definidor de programas gestuais de tipo dar-receber, tem como consequência principal a inclusão da relação de comunicação entre as categorias elementares constitutivas da forma da expressão desse tipo de gestualidade. As figuras gestuais, resultantes da combinatória de tais categorias elementares, organizam-se em seqüências programadas para a realização do projeto *estabelecer relação*. A relação de comunicação participa, dessa forma, da visão categorial da gestualidade dar-receber, decorrendo daí, se considerarmos que os termos do plano da expressão do mundo natural correspondem aos semas nucleares das línguas naturais, a constatação de que o nível II da gestualidade, enquanto relação de comunicação entre S_j (Dor) e S₂ (Dário) é, também, constitutivo do nível figurativo (semiológico) das línguas naturais.

Na segunda opção, portanto, funções como **dar-receber** diferenciam-se de funções como **pegar** pelos seus semas nucleares, ou melhor, pelos termos de uma categoria sêmica, correspondente a uma categoria fêmica da gestualidade.

Na solução (a) as funções do tipo **dar** e **pegar** definem-se como classes pela categoria classemática W e Z, pertencente, portanto à dimensão **semântica** do universo imanente da significação. Já na solução (b), a distinção entre funções como **dar** e funções como **pegar** é considerada **figurativa** ou **semiológica**.

Tomar posição em favor da hipótese (b) pode ser justificado pela possibilidade de dar conta, ao mesmo tempo, de casos como *João pegou o livro para Maria*. Definindo-se a oposição dar/pegar como figurativa, reserva-se a categoria classemática W e Z para distinguir **pegar 1** (A pega o livro) e **pegar2** (A pega o livro **para B**) e ressalta-se o estatuto diferente das duas oposições: a primeira (dar/pegar)figurativa; a segunda (pegar1/pegar2) semântica. A categoria classemática W vs Z define, dessa forma, as classes **pegar 1** e **pegar2** e não as classes **dar** e **pegar**.

Pegar j: núcleo sêmico P -1- classema W.

Pegar2: núcleo sêmico P + classema Z.

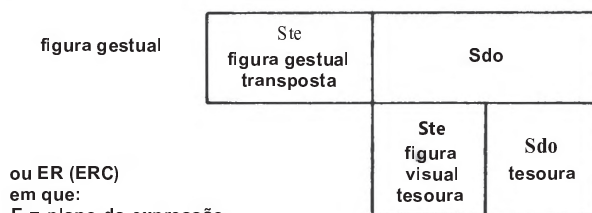
Seja como for, a opção por qualquer das soluções apresentadas está na dependência de pesquisas e estudos exaustivos, tanto no campo das

funções, quanto no da gestualidade, que verifiquem a maior ou menor adequação das hipóteses levantadas.

- (1) Greimas, A.J. - "Conditions d'une sémiotique du monde naturel". In: *Du sens*. Paris, Seuil, 1970.
- (2) Greimas, A.J. — "Conditions d'une sómiotique du monde naturel". *Ibidem*, p. 56.
- (3) O caráter cultural do signo que denomina natural por razões antes de tudo práticas, é ressaltado no decorrer do artigo de Greimas. A semiótica do mundo natural, assim como outros sistemas semióticos é um fenômeno social. Un essai de typologie des cultures peut être tenté, basé sur une typologie des relations structurales définissant les signes naturels. (*Du sens*, p. 54). Natural não se opõe portanto, a cultural, mantendo-se, porém, em seu lugar a dicotomia natural vs artificial (códigos artificiais).
- (4) O fema, de início definido na obra greimasiana (*Sémantique structurale*, 1966) como traço fônico distintivo surge posteriormente como traço distintivo do plano da expressão, independentemente do caráter fônico que limitava seu emprego metalingüístico às línguas naturais.
- (5) Na *Sémantique Structurale*, Greimas obtém, como resultado de análise do núcleo sêmico de tête os semas extrémité e supérativité, denominadores comuns aos significados manifestados pelo lexema tête, em diferentes contextos. Extrémité e supérativité são termos de categorias elementares da espacialidade, cuja combinatória produz as figuras visuais do mundo natural. A análise de tête, para deprender as constantes sêmicas do núcleo, deixa antever já o tipo de relações que pode existir entre a semiótica natural e a semiótica lingüística: extrémité e supérativité são termos de categorias sêmicas (semas nucleares) nas línguas naturais que, enquanto categorias da espacialidade definem-se como categorias fêmicas no mundo natural.
- (6) Greimas, A.J. — *Sémantique structurale*. Paris, Larousse, 1966.
- (7) O prof. Ignácio Assis da Silva, na sua tese para doutoramento em Letras *A dõixis pessoal* (1972), reconhece dois grandes níveis no universo significativo que é uma língua; nível imáente, que define o modo de existência das entidades lingüísticas, e o nível aparente, que determina o modo de manifestação dessas entidades. Cada nível articula-se, por sua vez, em duas instâncias distintas: instâncias profunda e de superfície, no caso do nível imáente, e instâncias de manifestação e de realização, para o nível aparente.
- (8) Greimas, A.J. — "Les jeux des contraintes sémiotiques". In: *Du sens*. Paris Seuil, 1970.
- (9) O *Vocabulaire de la psychologie* organizado por Henri Piéron (Piéron, H. — *Vocabulaire de la psychologie*. Publié avec la collaboratioi; de l'Association des travailleurs scientifiques. 2^e ed., Paris, PUF, 1957) define extérocepteur e intérocepteur.
 - a) extérocepteur: catégorie des récepteurs habituellement stimulés par des agents extérieurs à l'organisme.
 - b) intérocepteur: catégorie des récepteurs dont les excitations habituelles proviennent de stimuli internes et qui sont le point de départ de réflexes végétatifs.No *Dicionário de Psicologia* (Warren, H.C. — *Diccionario de Psicologia*, México, Fondo de cultura económica, 1966) a mesma oposição pode ser encontrada, referindo-se exteroceptor ao receptor u órgão sensorial normalmente ativado por energias que procedem de fuera dei organismo e interoreceptor ao receptor u órgão sensorial cuyos estímulos obran dentro dei organismo. A categoria greimasiana exteroceptividade vs interoceptividade decompõe a linguagem (o universo semântico) em dois níveis fundamentais — nível semiológico e nível semântico —, segundo, portanto, dois diferentes tipos de percepção — percepção externa e percepção interna, respectivamente. As categorias semiológicas justificam-se pela correspondência com o mundo exterior, enquanto que as categorias semânticas não encontram correspondência no extra-lingüístico. É possível afirmar, assim, que o termo exteroceptividade delimita aquilo que o mundo natural oferece às línguas naturais, aplicando-se, por sua vez, oter-

- mo interoceptividade àquilo que é próprio da língua como organismo e que ela oferece a si mesma e aos demais sistemas semióticos.
- (10) Greimas foi buscar em V Brondal a categoria da totalidade, articulada nos termos discreção vs integridade (Brondal.V. — Comment définir les indéfinis. In: Études de linguistique appliquée I). Nas ciências matemáticas discreção é o mesmo que descontinuidade (oposto a continuidade) e integração surge como l'opération qui consiste à déterminer une grandeur en la considérant comme limite d'une somme de quantités infinitésimales dont le nombre augmente indéfiniment; on appelle aussi quelquefois improprement intégration, par analogie, la vue de l'esprit qui considère synthétiquement un nombre très grand, mais fini, de termes ou d'actions élémentaires (Lalande, A — Vocabulaire technique et critique de la Philosophie, Paris, PUF, 1956). A instituição dos predicados como unidades integradas adquire maior clareza a partir da citação greimasiana transcrita a seguir: Si à une série de comportements réels correspond sur le plan linguistique une série parallèle de fonctions qui les simulent, en connotant ainsi un certain faire non linguistique, un seul sémème, tel que broder par exemple, peut subsumer tout un algorithme de fonctions, en apparaissant comme la dénomination d'un savoir-faire. (Sémantique structurale, p. 124).
- (11) Même si elle est organiquement limitée dans ses possibilités, la gesticulation, apprise et transmise, tout comme les autres systèmes sémiotiques, est un phénomène social. Ce que nous disions de la typologie des cultures basée sur l'interprétation diversifiée des signes naturels s'applique également à la gesticulation dite naturelle... Ainsi la gesticulation dite naturelle se trouve transformée en gestualité culturelle, et si nous maintenons pour des raisons pratiques l'expression de gesto naturel, il ne se définit tout comme le signe naturel que par sa virtualité sémiotique qu'autant qu'il se révèle un élément constitutif de signification. (Greimas, Conditions d'une sémiotique du monde naturel. Ibidem, p. 60—61).
- (12) Greimas, A.J. — Conditions d'une sémiotique du monde naturel. Ibidem, p. 85.
- (13) Figura de conteúdo ou figura nuclear são denominações que surgem na Sémantique structurale da necessidade de opor figuras nucleares simples a figuras nucleares complexas $N_s = S - | - *S_2$
- Nous désignerons un tel noyau sémique caractérisé par les relations hiérarchiques entre les sèmes qui le constituent et ne dépassent pas les dimensions d'un lexème comme une figure nucléaire simple. Si au contraire, les relations hiérarchiques entre les sèmes s'étendent sur deux ou plusieurs lexèmes d'un syntagme, comme c'est notamment le cas pour les séquences du type 'tete d'un arbre':
- $$N \gg (S - | - S_2) - S_2$$
- nous dirons que la figure nucléaire est complexe. (Sémantique structurale, p. 49)
- Os semas formadores das figuras de conteúdo pertencem ao nível semiológico do universo imãente da significação, isto é, são semas nucleares em oposição a classemas (nível semântico).
- (14) Anotação de curso (curso ministrado pelo prof. A. J. Greimas na F.F.C.L. Barão de Maué, em julho de 1973).
- (15) Para uma definição de gesto e localização da gestualidade na Semiótica natural, ver Greimas — Conditions d'une sémiotique du monde naturel. Ibidem.
- (16) Greimas, A. J. — Conditions d'une sémiotique du monde naturel. Ibidem, p. 63.
- (17) Greimas. Idem. Ibidem, p. 63.
- (18) Greimas. Idem. Ibidem, p. 66.
- (19) Jakobson, R. — Linguística e Poética. In: Linguística e comunicação. São Paulo, Cultrix, 1969.
- (20) Para o quadrado lógico ver Greimas — Les jeux des contraintes sémiotiques. Ibidem.
- (21) Ver em 2.22 a dicotomia prático vs mítico.
- (22) Greimas — Conditions d'une sémiotique du monde naturel. Ibidem, p. 68.
- (23) Greimas — Sémantique structurale. Ibidem, p. 119.
- (24) Ver em 1.2 nível semiológico e nível semântico.
- (25) Greimas — Sémantique structurale. Ibidem, p. 120.
- (26) Greimas — Sémantique structurale. Ibidem, p. 120.
- (27) Greimas — Conditions d'une sémiotique du monde naturel. Ibidem, p. 69.
- (28) Greimas — Idem. Ibidem, p. 69.
- (29) Greimas — Idem. Ibidem, p. 50.
- (30) Greimas — Idem. Ibidem, p. 63.
- (31) Hjelmslev, L. — Prolégomènes à une théorie du langage. Paris, Minuit, 1968.
- (32) Hjelmslev, L. — Idem, Ibidem, p. 150—151
- (33) Hjelmslev, L. — Idem. Ibidem, p. 152

- (34) Greimas - Conditions d'une sémiotique du monde naturel. Ibidem, p. 86.
- (35) Não fizemos referência, por simplificação, à transposição do significante d'un ordre sensible dans un autre, de l'ordre visuel dans l'ordre sonore que ocorre nos programas gestuais fonadores e não nos demais programas gestuais. Para Greimas essa transposição do visual (programa gestual fonador) em sonoro assegura às línguas naturais um maior afastamento entre plano da expressão e plano do conteúdo, garantindo, dessa forma, a arbitrariedade lingüística, (ver Conditions d'une sémiotique du monde naturel, p. 84).
- (36) Greimas - Idem. Ibidem, p. 84.
- (37) Greimas — Idem. Ibidem, p. 63.
- (38) Greimas — Idem. Ibidem, p. 68—69.
- (39) Greimas — Idem. Ibidem, p. 71.
- (40) Greimas — Idem. Ibidem, p. 72.
- (41) Greimas — Idem. Ibidem, p. 73.
- (42) Greimas — Idem. Ibidem, p. 74.
- (43) Vários — Pequeno dicionário brasileiro da Língua Portuguesa. 11ª ed. Supervisionada e aumentada por Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, Rio, Civilização Brasileira, 1968.
- (44) Greimas — Idem. Ibidem, p. 76.
- (45) Barthes, R. — Éléments de sémiologie. Communications 4, Paris, Seuil, 1962, p. 130.
- (46) O esquema proposto para a metalinguagem, um dos sistemas duplos de Barthes (sendo o outro a conotação), em Éléments de sémiologie, p. 130, é apropriado portanto, à gestualidade mimética.



ou ER (ERC)
em que:

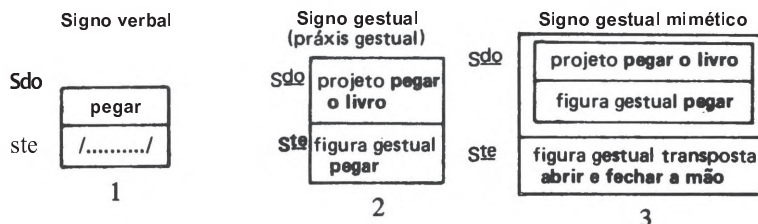
E = plano da expressão

C = plano do conteúdo

R = relação

O signo natural tesoura torna-se o significado do signo mimético.

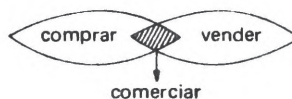
- (47) Um signo verbal e um signo mimético relacionam-se mediatamente, pela interposição de um signo natural visual (no caso de tesoura, por exemplo) ou de um signo gestual (da práxis gestual).! Exemplifiquemos com o enunciado verbal ele pegou o livro comumente acompanhado pela gestualidade mimética abrir e fechar a mão. Percebe-se com clareza que a gestualidade mimética não é simples redundância do enunciado lingüístico.



Relações possíveis entre os tres signos:

- i) Relação entre 1 e 2: a forma da expressão de 2 (visão categorial) constitui a forma do conteúdo de 1 (a dimensão semiológica da linguagem).
- ii) Relações entre 2 e 3:
- a) a forma da expressão de 2 é transposta em outra substância em 3.
- b) o signo 2 torna-se o plano do conteúdo (S^{do}) de 3.
- iii) Relação entre 1 e 3: a relação entre 1 r- língua natural — e 3 — gestualidade mimética — é, como se percebe no esquema, indireta, mediatizada, no caso específico de pegar, pela prática gestual (2). Há, entre 1 e 3, entre língua natural e gestualidade mimética, uma distância estilística.

- (48) Greimas - Idem. Ibidem, p. 79.
- (49) Assis da Silva, Ignácio - A dêixis pessoal. Tese apresentada para doutoramento em Letras na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da U.S.P., 1972.
- (50) Assis da Silva, I. — Idem. Ibidem, p. 14.
- (51) Assis da Silva, I. — Idem. Ibidem, p. 19.
- (52) Baldinger, K. — Teoria semântica. Madrid, Alcalá, 1970, p. 53.
- (53) Heger, K. — "L'analyse sémantique du signe linguistique". Langue Française, Paris, Larousse, 1969.
- (54) Heger, K. — Idem. Ibidem, p. 47.
- (55) Heger, K. — Idem. Ibidem, p. 49.
- (56) O prof. Charaudau apresentou esse esquema de comunicação, como simplificação de um modelo mais completo, em curso ministrado na Universidade de São Paulo, em outubro de 1972.
- (57) Anotações de curso (U.S.P. — outubro de 1972).
- (58) Greimas — Conditions d'une sémiotique du monde naturel. Ibidem, p. 52.
- (59) Greimas — Idem. Ibidem, p. 86.
- (60) Ver As visões na narrativa (Todorov, T. — Estruturalismo e poética. São Paulo, Cultrix, 1970).
- (61) Greimas — Idem. Ibidem, p. 86.
- (62) Nas línguas naturais o ponto de vista resulta geralmente da escolha do falante, enquanto destinador-codificador. O falante pode privilegiar qualquer dos dois projetos gestuais — ou o de St ou o de S2 —, existindo, nas línguas naturais uma função diferente para cada perspectiva adotada — dar (ponto de vista de S-j) e receber (ponto de vista de ζ 2)- De uma certa forma, a língua impõe ao falante a escolha de um prisma, surgindo daí vários problemas que enumeraremos apenas, sem qualquer tentativa, no momento, de possíveis soluções.
- I) a) Algumas vezes as línguas naturais não possuem uma função paracada perspectiva gestual, como ocorre em português, por exemplo, com mostrar. Em A mostra o livro a B o prisma escolhido foi o de St = Dor e o português não apresenta a possibilidade de privilegiar o ponto de vista de ζ o = Dário (B — o livro de A). Outras vezes, as línguas naturais oferecem mais de uma função para a mesma perspectiva (por exemplo, pegar, receber, tomar, etc).
- b) Quando apenas uma das perspectivas da gestualidade encontra correspondência nas línguas naturais, é preciso determinar qual o prisma privilegiado - se é sempre o de Si(destinador) ou o de S2 (destinatário) ou ainda se há um equilíbrio entre eles. O fato de um ponto de vista ter predominância sobre o outro pode ser específico de cada língua particular (problema de recorte da realidade) ou próprio da linguagem humana (traço comum a todas as línguas naturais).
- II) A atualização de uma função indiferente aos possíveis pontos de vista pode também ocorrer nas línguas naturais. Há funções cujo conteúdo sêmico é apenas a intersecção de duas funções distintas quanto à perspectiva escolhida. Comerciar, por exemplo, em português, pode ser tomada como uma função resultante da neutralização de comprar e vender, embora hoje, identifique-se, mais provavelmente, com o ponto de vista de vender (de ζ por).



- III) É preciso determinar o estatuto da oposição de ponto de vista, isto é, a oposição entre dar e receber é figurativa (nuclear) ou semântica (classe-mática)?

The contribution of A.J. Greimas towards the better understanding of the designative dimension can be resumed in two points: (1) the *désignation* is defined as **the relation between two semiotics** (semiotic of natural languages and semiotic of the natural world); (2) the elementary units of the expressive plane (semas) of the natural world constitute the elementary units of the content plane of natural languages. The main concern of the study is the specific problem of the so-called *communication verbs* as a relation between the two semiotics - *natural* and *linguistic*. Is it possible, in this case too, to separate distinctively, gestural practice (praxis of man transforming the world) from gestural communication (communication of knowledge to an receiver)?

On peut réunir dans deux points la contribution originelle de A.J. Greimas pour une meilleure compréhension de la dimension désignative du langage:

1. La *désignation* se définit comme une relation entre deux sémiotiques (la sémiotique des langues naturelles et la sémiotique du monde naturel);
2. Les unités élémentaires du plan de l'expression (les phèmes) du monde naturel sont constitutives des unités élémentaires du plan du contenu (les sèmes nucléaires) des langues naturelles.

La préoccupation centrale de cet article est le problème spécifique des verbes dits de *communication*, comme relation entre les deux sémiotiques - *naturelle* et linguistique. Est-il possible, même dans ce cas, de séparer **avec rigueur**, la praxis gestuelle (le faire de l'homme en transformant le monde) et la communication gestuelle (la communication d'un savoir à un destinataire)?